

'Estadão' rompeu com o regime após AI-2 cancelar eleições; ditadura optou pelo arbítrio

Jornal esteve ao lado dos liberais que temiam um golpe de João Goulart à moda de Vargas no Estado Novo e denunciou a militarização

MARCELO GODOY

O telefone do jornalista Oliveiros S. Ferreira, editor-chefe do Estadão, tocou na redação na noite do dia 12 de dezembro de 1968. Do outro lado da linha estava o general Sílvio Correia de Andrade, então diretor da Polícia Federal em São Paulo. O general queria saber a manchete da edição do dia 13 do jornal. Oliveiros respondeu: Câmara nega; prontidão. Ela tratava da negativa do pedido para que fosse processado o deputado federal Márcio Moreira Alves em razão da diatribe contra os militares pronunciada no plenário.

O general não sabia ainda do editorial Instituições em frangalhos. O texto descrevia o presidente Arthur da Costa e Silva como um "ex-general habituado a não admitir que lhe discutam as ordens", mas que "se viu na pouca edificante posição" de deixar de lado aqueles escrúpulos que o tinham levado a afirmar que jamais transgrediria a lei para tentar arrancar do Congresso a permissão para processar o deputado. Foi o que bastou. Correia de Andrade mandou seus agentes invadirem as oficinas do jornal para apreender a edição de 13 de dezembro de 1968 - à noite seria decretado o Ato Institucional n.º 5.

Ainda naquela manhã do dia 13, o jornal organizou seu primeiro ato de resistência à censura: "Improvisamos uma canaleta de madeira e escoamos mais de 60 mil exemplares em caminhões caçamba, que saíam de trás de um tapume,

"Improvisamos uma canaleta de madeira e escoamos mais de 60 mil exemplares em caminhões caçamba, que saíam de trás de um tapume, enquanto os policiais barravam os caminhões-baú da frota de distribuição"

Hagop Boyadjian Arquiteto e então responsável pelas obras de reforma do prédio do jornal na Rua Major Quedinho enquanto os policiais barravam os caminhões-baú da frota de distribuição", lembrou em entrevista ao jornalista José Maria Mayrink o arquiteto Hagop Boyadjian, então responsável pelas obras de reforma do prédio do jornal na Rua Major Quedinho, onde funcionavam as redações do Estadão e do Jornal da Tarde, também impedido de circular.

Às escondidas foram ainda retirados 84,9 mil exemplares do JT, então dirigido por Ruy Mesquita, pela saída da Rua Martins Fontes, nos fundos do edifício da Major Quedinho. No dia seguinte, chegaram à redação do jornal os censores enviados pelo governo. A ordem dada pela direção aos jornalistas da redação do Estadão era clara: "Façam reportagens e escrevam. Os censores que cortem".

E assim foi até o fim da censura imposta pelo regime. Esse período sombrio foi registrado no filme Estranhos na Notte – Mordaça no Estadão em Tempos de Censura, dirigido por Camilo Tavares e com roteiro e entrevistas de José Maria Mayrink.

'À MARGEM'. A tensão entre o regime e o jornal vinha crescendo na medida em que o editoriais fustigavam os passos do governo de Costa e Silva em direção ao arbítrio. No día 2 de outubro de 1968, sob o título A conjuntura nacional e as F. Armadas, ele dizia: "Como é de todo sabido, tanto nós como a maioria dos líderes civis da grande campanha fomos deliberadamente postos à margem dos acontecimentos para que se acentuasse a tendência militarista".

O texto terminava com uma acusação: "O Pais percebe que, pelo menos algumas altas patentes das forças de terra, não haviam participado desinteressadamente do movimento revolucionário ③